



FACULDADE VALE DO SALGADO - FVS  
CURSO DE PSICOLOGIA

MANOELIA GOMES FEITOSA

**O SUICIDIO NA ROTINA DA ESCOLA: Um estudo com professores do ensino médio.**

MANOELIA GOMES FEITOSA

**O SUICIDIO NA ROTINA DA ESCOLA: Um estudo com professores do ensino médio.**

Monografia apresentada a coordenação do Curso de Psicologia da Faculdade Vale do Salgado (FVS), como requisito para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Esp. Hérico Maciel de Amorim.

Icó  
2018

MANOELIA GOMES FEITOSA

**O SUICÍDIO NA ROTINA DA ESCOLA: Um estudo com professores do ensino médio.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Faculdade Vale do Salgado - FVS, como requisito para a obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Hérico Maciel de Amorim  
Faculdade Vale do Salgado - FVS  
(Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Ariel Barbosa Gonçalves  
Faculdade Vale do Salgado - FVS  
(1<sup>a</sup> Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Janaina Pereira Batista  
Faculdade Vale do Salgado - FVS  
(2<sup>a</sup> Examinador)

Jaime Romero de Sousa  
**Diretor Presidente da Faculdade Vale do Salgado**  
Antônio Wilson Santos  
**Diretor Executivo da Faculdade Vale do Salgado**  
Janaina Batista Pereira  
**Coordenadora do Curso de Psicologia**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me possibilitou essa realização, e por me dar força e determinação durante toda a caminhada, aos meus pais Nilton Barro, Eliane Gomes e aos meus Irmão(a)s.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu força para superar todas as dificuldades que surgiram nos cinco anos de faculdade. Por me dar perseverança para continuar no meu objetivo.

A minha família que esteve sempre presente nessa caminhada, me dando força para continuar mesmo com o surgimento de algumas dificuldades.

Aos meus pais, Nilton Rodrigues Feitosa e Eliane Gomes Feitosa que não mediram esforços para que eu realizasse meu sonho, mesmo tendo que abri mão dos seus para que o meu se tornasse possível. A eles devo a minha existência e a vitória de ter chegado a essa etapa de minha vida. Agradeço especialmente a minha mãe que esteve todo tempo me incentivando e fazendo o possível e impossível para que pudesse chega no meu ideal.

As minhas irmãs e meu irmão que me ajudaram diretamente todos os dias dos cinco anos de faculdade, em todos os aspectos possíveis.

A você Allan , pela compreensão em minhas ausências, por todas as vezes que tive que preconizar algo da faculdade e negociarmos quando poderíamos estarmos juntos. Obrigado pela força e seu incentivo e pelo teu ombro sempre que as dificuldades apareceram, você também faz parte dessa conquista.

A minha avó, as minha tias, tios, primas e primos que ajudaram direto e indiretamente. Em especial a minha prima Karina que se fez presente em toda essa caminhada compartilhando as alegrias como também as dificuldades, e angustias. obrigada por o apoio de sempre ,e pelas orações e conversas de incentivo.

As minhas amigas Maria Gessica, Diva Raquel, Jessica de Andrade, Thays que estiveram comigo compartilhado de todas as sensações de ser discente, vocês contribuíram para que essa caminhada fosse mais leve. Muito obrigada por as ajudas e vivencias maravilhosas ao lado de vocês. Todas terão um espacinho no meu coração.

A minha vó Candida e a minha madrinha Mazer que mesmo não estando mais entre nos antes de partirem, torceram e estimularam para minha conquista. As suas palavras de encorajamento me impulsionaram para quere chegar ao fim do curso cada vez mais, muito obrigada, vocês estarão sempre no meu coração.

Aos meus professores que contribuirão direto e indiretamente no meu processo acadêmico. A professora Isabel que deu inicio ao trabalho, contribuindo com seus conhecimentos, ao professor Rui que compartilhou dos seus conhecimento e me orientou no

percorre dessa caminhada. Ao professor orientador Herico Marciel que contribuiu com suas orientações para que pudesse chegar até aqui. A todos vocês meu muito obrigado.

As professoras Janaina e Ariel que fizeram parte da banca, obrigada suas considerações e críticas construtivas contribuíram bastante para um melhor resultado do meu trabalho.

*“Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus nela escreva o que quiser.”*

*(Santo Agostinho)*



## **LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS**

**PNE** – Plano Nacional de Educação.

**UAB** – Universidade Aberta do Brasil.

**EAD** – Educação a Distância.

**FVS** – Faculdade Vale do Salgado.

**MEC** – Ministério da Educação.

**CAPS** – Centro de Atenção Psicossocial.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

## RESUMO

FEITOSA, M. G. **O suicídio na rotina da escola: Um estudo com professores do Ensino Médio**. Curso Bacharelado em Psicologia, Faculdade Vale do Salgado, Icó-CE, 2018. p.36.

Os problemas que estão presentes na educação brasileira, são diversos especialmente na educação pública. Dentre eles a temática do suicídio tem estado presente com muita frequência nas instituições escolares, o que tem chamado atenção para a importância de abordar a saúde mental na escola, assim como a necessidade da presença de um profissional de Psicologia nesse espaço. Os profissionais da instituição escolar em específico os professores têm se deparado com esse fenômeno no cotidiano das escolas. No entanto é perceptível a ausência de subsídios que os capacitem para lidar com essa temática, o que faz refletir sobre a importância da capacitação desses profissionais diante da saúde mental e diante dessa temática em questão. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi apresentar uma revisão de literatura no período entre 2010 e 2018 sobre como os professores lidam com a temática do suicídio no ensino médio. Por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica, com caráter narrativo e de abordagem qualitativa, sendo utilizadas base de dados brasileiras como: Scielo, Lilacs, Bireme e Google Acadêmico, foram encontrados 25 estudos. Diante disso foi possível verificar por meio da literatura que os estudos não demonstram possíveis estratégias que os professores utilizem, nem que existam meios que esses possam usar para lidar com o suicídio. Dessa forma, considera-se necessário que exista a capacitação desses profissionais diante da saúde mental. Também é cabível salientar a importância do profissional de Psicologia na instituição escolar.

**Palavras-chave:** Escola. Psicólogo Escolar. Suicídio. Saúde Mental.

## ABSTRACT

FEITOSA, M. G. **Suicide in school routine: A study with high school teachers.** (Research project). Bachelor's Degree in Psychology, Vale do Salgado College, Icó-CE, 2018. p.36.

There are many problems that are present in Brazilian education, especially in public education. Among them the theme of suicide has been frequently in educational institutions, which have called attention to the importance of addressing mental health in school, as well as the need for the presence of a professional psychology in this space. Professionals in the school institution in specific teachers has come across this phenomenon in the everyday life of schools however is noticeable lack of subsidies that enable them to deal with this subject, what makes you think about the importance of These professional training on mental health and on this subject. Therefore, the overall objective of this study was to present the studies found in the period of 2010 to 2018 on how teachers deal with the theme of suicide in high school. Through a search of bibliographical nature, with narrative and character of a qualitative approach. Brazilian database were used as: Scielo, Lilacs, Bireme and Google Scholar, where were found 25 studies. Before it was possible to verify through the literature that studies show no possible strategies that teachers use, even if there are ways that these can use to deal with suicide. Thus, it is considered necessary that there is the training of these professionals on mental health. It is also reasonable to stress the importance of professional psychology at the school institution.

**Keywords:** School. Suicide. School Psychologist. Mental Health.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS .....	15
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
3.1 SAÚDE MENTAL .....	16
3.2. A ESCOLA E A SAÚDE MENTAL .....	18
3.3 O SUICÍDIO NA ESCOLA .....	20
3.4 FORMAÇÃO DO PROFESSOR .....	21
<b>4. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	26
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	26
5.1 A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO EM SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR.....	27
5.2 O PAPEL DA FAMÍLIA DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR.....	28
5.3 ESTRATÉGIAS E DESAFIOS SOBRE O SUICÍDIO NA ESCOLA .....	29
5.4 A FUNÇÃO DO PSICÓLOGO DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR.....	31
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	324
<b>REFERENCIAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos num momento educacional no Brasil que devemos considerar enormes avanços, principalmente quando falamos em saúde mental no contexto escolar. Porém ainda nos dias atuais a falta de informação segura e orientação especializada sobre essa condição patológica se fazem presente levando a várias indagações, que é um dos problemas de maior choque na saúde mental, devido à influência negativa que causa no sujeito (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Quando falamos de reflexão sobre a saúde mental na escola podemos compreender como esses transtornos de acordo com a trajetória da vida evoluem a partir de alterações do neurodesenvolvimento e que manifestam seus sinais na infância. Nesse contexto temos um grande parceiro que é a escola frente a saúde mental de seus discentes, sendo privilegiados professores, familiares e alunos, pois se tornou obrigatório trabalhar questões psicológicas no contexto escolar, tendo uma grande influencia sobre os aspectos de vida (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

O suicídio é uma ação voluntária, onde o sujeito busca tirar a sua própria vida. O mesmo é considerado pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública. Acontecendo frequentemente com pessoas com transtornos mentais ou psicológicos, que podem está ligados varias outras problemáticas que influenciam ao ato suicída, podendo ser problemas dos mais comuns do dia a dia, como os mais difícil de resolver. O suicídio é uma das principais causas de mortes entre adolescentes e adultos com menos de 35anos de idade. Assim mais de um milhão de sujeitos cometem suicídio anualmente. No entanto estimativas apontam que as tentativas se suicídio são bem maiores, sendo de 10 a 20 milhões de tentativas que não foram bem sucedida (Figueiredo; Costa; Saboya, 2017).

É importante também observar que dentro do contexto escolar deve-se atentar para cada reação do aluno, pois tais particularidades dizem respeito da saúde mental de uma criança e do ambiente familiar dela, e a escola tem um papel fundamental no equilíbrio emocional de seus estudantes. Alguns comportamentos incomuns podem ser sintomas de que essa criança merece atenção e cuidados próximos, sobretudo da escola, que recebe boa parte da interação desse(a) aluno(a) (SOUSA, et. al., 2014).

O professor frente a temática de suicídio deve focar no desenvolvendo da ética da solidariedade, compreensão e principalmente o respeito à diversidade individual de cada aluno proporcionando uma consciência antropológica, ecológica e espiritual da condição humana.

Além disso precisa desenvolver um trabalho pedagógico de conteúdos interdisciplinares, contextualizados e globalizados (VALENTIM; SILVEIRA, 2015).

Assim, surgiram os seguintes questionamentos: o que nos dizem as pesquisas acerca de como os professores do ensino médio lidam com a temática suicídio no ambiente escolar? Quantas pesquisas científicas podemos encontrar sobre a temática do suicídio com os professores do ensino médio e suas estratégias de prevenção, no período de 2016 a 2018?

O interesse em estudar esta temática surgiu a partir do conhecimento prévio e afinidade com o assunto, no Estágio Profissional Supervisionado I, com ênfase em Psicologia Escolar, além da afinidade pessoal na área escolar. Como também para identificar os desafios enfrentados por professores tendo em vista que são eles que tem contato direto com o aluno. Sem, portanto, terem autonomia o suficiente para modificarem muitas coisas divergentes que acontecem na escola e também no desenvolvimento psicológico de seus alunos.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

- Apresentar uma revisão de literatura no período entre 2010 e 2018 de como os professores lidam com a temática do suicídio no ensino médio.

### **2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS**

- Enumerar o que a literatura, apresenta sobre o suicídio no ensino médio no período de 2010 e 2018.
- Identificar as estratégias de prevenção utilizada por professor na escola acerca da temática suicídio.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 SAÚDE MENTAL

Há dois momentos importantes que marcaram a Psiquiatria no Brasil, que foi a inauguração do Hospício Pedro II em 1852 e a proclamação da República em 1889, o que rapidamente se forma uma aliança entre a ciência psiquiátrica e os projetos estatais de controle social (DEVERA; COSTA-ROSA, 2007, p.61 apud AMARANTE et al.,1995). Com isso o louco passou a ser dito como doente e passivo de tratamento, sendo que esse era norteador por princípios do isolamento, sendo praticado essas ações no hospício Pedro II.

A assistência psiquiátrica do Brasil, executou um regime asilar, recomendando um dos elementos de política em saúde mental. Abrindo seu próprio caminho para a fase científica, o autor Juliano Moreira, apresentou fundamentos teóricos, práticos e institucionais o que contribuiu para um sistema psiquiátrico coerente.

Nos anos 70, iniciou-se no Brasil a Reforma da Assistência Psiquiátrica. Instalou-se um processo histórico de formulação crítica e prática com o objetivo de questionar e elaborar propostas de transformação do modelo asilar, julgando inadmissíveis a exclusão, a cronificação e a violência do modelo hospitalocêntrico. O setor previdenciário apresentava-se em crise financeira devida aos gastos com contratação de hospitais privados, auxílio-doença e aposentadorias decorrentes de distúrbios psiquiátricos (GIORDANO JUNIOR, 1989). Esse processo de transformações é, entretanto, fruto de lutas no campo da Atenção em Saúde Mental que se iniciam ainda na década anterior (Costa-Rosa, 1987, apud DEVERA; COSTA-ROSA, 2007, p.63).

Conforme Devera, Costa-Rosa, (2007) apud Costa-Rosa(1987), o trabalho do mesmo apresenta uma gama de processo que visa a reformulação da Atenção em Saúde Mental no Brasil. Sendo os movimentos realizados por a equipe de funcionários do setor, que se sensibilizaram-se com a situação crítica que este se encontrava no momento. O primeiro movimento que buscou a transformação da Saúde Mental no Brasil, foi conduzido por Luiz Cerqueira, que foi um dos principais autores desse processo, em 1967.

Diante da degradação do ser humano, que é possível perceber no campo das instituições manicomiais, no início da década de sessenta, um movimento que com o objetivo de eliminar os estabelecimentos asilares, argumentando que os doentes mentais deveriam ser tratados de forma mais humanizada, fora do ambiente manicomial, ou seja, os mesmos viveriam no meio social como qualquer outra pessoa, e quando preciso seria sujeito a tratamento hospitalares (ALENCAR; LIMA, 2014).



É importante deixar claro que a luta antimanicomial vai além de um simples movimento, sendo que a mesma tem o objetivo de uma nova perspectiva de tratamento dos indivíduos com doenças mentais, lutando para a sua ressocialização e a manutenção ou resgate de sua subjetividade e identidade na qualidade de ser humano (ALENCAR; LIMA, 2014).

Segundo Alencar e Lima (2014, p.64), “em meio a tal questão, o poder público brasileiro tem direcionado seus investimentos para o estabelecimento de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em todo o País, os quais já somam em torno de 1600, criados entre 1986 e 2010”. Apesar de que já estar sendo estabelecida, uma visão mais humanizada de tratamento, a mesma ainda permanece em um desafio, sendo que esta perante uma ruptura para uma percepção tradicionalista, conservadora e exclusivista.

Diante disso, ainda se verificam pensamentos equivocados quanto à nova modalidade de assistência aos doentes mentais, eis que muitos consideram a desinstitucionalização como forma garantir o desrespeito e a falta de assistência aos doentes mentais, deixando-os falecer no ambiente sócio-familiar. Sendo que o tratamento visa a reabilitação psicossocial, através de uma terapia individualizada, de acordo com as particularidades e subjetividade de cada sujeito. O que concilia com a função dos CAPS, que é mostrado no portal da saúde do governo brasileiro (ALENCAR; LIMA, 2014).

Para Alencar e Lima (2014), a função do CAPS, mostrado no portal da saúde do governo brasileiro apresenta: oferecer atendimento clínico, diariamente o que evitaria as internações e os hospitais psiquiátricos; oferecer um acolhimento humanizado as pessoas acometidas com transtornos mentais graves e pertinentes, buscando fortalecer os laços dos usuários com o seu território; promover a inserção social dos usuários com ações que inter setoriais, onde a rede de assistência seria inseridas na saúde mental para executar seu papel nessa área; oferecer apoio na rede básica a saúde mental; organizar a rede de atenção para pessoas acometidas com transtornos mentais no município, buscando sempre articular estratégias entre a rede e a política de saúde mental nos territórios, e proporcionar a reinserção social dos sujeitos pelo meio do acesso ao trabalho, lazer e todos os seus direitos que acabam sendo negados em algumas ocasiões, fazendo com que os laços familiares e comunitários sejam fortalecidos com sua inserção.

É importante ressaltar que para Alencar e Lima, (2014) esses serviços têm que ser substituídos e não complementares ao hospital psiquiátrico. Realmente o CAPS é o núcleo de uma nova clínica, que proporcionará autonomia dos usuários e a responsabilização de todo o percurso do seu tratamento. Em muitos casos esses serviços vão além de sua própria estrutura física, a procura de outras redes de suporte social, preocupando-se com o indivíduo e sua

subjetividade, sua história, sua cultura e sua vida. Percebendo o sujeito de forma ampliada com todos os seus fatores. Nessa perspectiva a desinstitucionalização manicomial não deve ser notada como abandono dos doentes mentais, mas na concepção de intensificação terapêutica através da recuperação da identidade e segurança dos doentes, com isso proporcionando um motivo para a vida destes, que os motiva a sentir-se além de simplesmente existir.

Ainda nos dias atuais o doente mental não é aceito na sociedade, sua maneira de agir e de viver acaba sendo escondida e reprimida pelo restante da sociedade. Mesmo com a ampla gama de sedativos distribuídos, para colaborar com a ocultação das aparências expressa da “loucura”. Com isso é possível notar que a atitude social frente o doente mental não mudou. As violências e opressões que se faziam presentes no hospital psiquiátrico não coincidem com os propósitos da terapia e reabilitação do sujeito (PIRELLA, 1985).

Compreendendo a presença frequente de preconceito ligada aos doentes mentais atualmente existe a legislação brasileira, relacionada à Lei 10.216/2001 que mostra-se comprometida com a garantia de respeito à dignidade desses sujeitos, visando a humanização no tratamento dessas pessoas. De acordo com o parágrafo único do art.2º desta lei os portadores de doenças mentais devem ser tratados com humanidade e respeito, trabalhando para proporcionar a sua saúde, com o objetivo de alcançar a recuperação pela inserção na família, no trabalho e no meio social, visando o bem estar do sujeito em todos os aspectos da vida.

### 3.2. A ESCOLA E A SAÚDE MENTAL

São muitos os problemas que estão presentes na educação brasileira, especialmente na educação pública. Podemos apontar a grande quantidade tanto dos alunos, quanto das grandes instituições educacionais. Falta-nos qualidade sobretudo do ensino, sendo diversos os fatores que proporcionam resultados negativos e uma promoção de saúde insatisfatória como, por exemplo, crianças que não possuem acompanhamento familiar, e estão apenas inseridas na escola, tendo seu único observador, o professor. Vale ressaltar que é muito importante a família durante esse processo de formação escolar. O comportamento escolar da criança está diretamente atrelado a participação da sua respectiva família, atuando junto deles nas atividades, tanto em casa, quanto na escola (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Quando falamos de reflexão sobre a saúde mental na escola podemos compreender como que esses transtornos, de acordo com a trajetória da vida, evoluem a partir de alterações do neurodesenvolvimento e que manifestam seus sinais na infância. Nesse contexto temos a escola com um grande parceiro frente a saúde mental de seus discentes, sendo importantes os

professores e familiares, pois tornou-se obrigatório trabalhar questões psicológicas no contexto escolar, tendo uma grande influência sobre todos os aspectos da vida (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Esses autores apresentam uma observação sobre a falta de conhecimento em saúde mental nas escolas do nosso país, o que dificulta na identificação dos sintomas, falta de empatia com aqueles que sofrem de algum transtorno, a discriminação e a medicalização de forma correta. A falta de informação dos docentes dificulta a elaboração e execução de projetos, pois é necessária uma articulação entre diferentes áreas, tais como saúde, saúde mental, políticas públicas e outras, para que possa atender o objetivo de tais práticas (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Vivemos num momento educacional no Brasil que devemos considerar enormes avanços, um deles está relacionado com a saúde mental no contexto escolar, onde foi aprovado na câmara dos deputados em 07/08/2007 a lei que preconiza o psicólogo e assistente social no ambiente escolar (Lei 3.688/2000), contudo ainda se faz presente a falta de informação fidedigna e orientação especializada sobre a condição patológica dos sujeitos o que levam a várias indagações, que dentre elas é a influência negativa que causa no sujeito. Ambos os autores citados relatam a necessidade da conexão entre família e escola, demonstrando a importância de ambos e a grande relevância na promoção de saúde na escola (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

De acordo com Oliveira e Guimarães (2014), é cabível destacar que o professor sozinho não pode tudo, mas que com habilidade para dirigir as diversas restrições ele pode tornar seu trabalho mais eficaz no cotidiano escolar. Portanto, para a escola de hoje é necessário educadores com conhecimento intelectual suficiente para dominar o conteúdo que precisa desenvolver e competências específicas para atuar nas diversas realidades que a educação atua. Com a democratização do ensino a escola passou a possuir alunos dos mais diversos níveis sociais, e culturas distintas e para atender essa clientela o professor precisa estar atento as reais necessidades deles para realizar intervenções eficazes.

É importante também observar que dentro do contexto escolar deve-se atentar para cada reação do aluno, pois tais particularidades dizem respeito da saúde mental de uma criança e do ambiente familiar dela, e a escola tem um papel fundamental no equilíbrio emocional de seus estudantes. Agressividade, desinteresse, ansiedade, rebeldia, introversão, problemas de comportamento em geral, vitimização, dificuldade na fala, de ir ao banheiro, de sono, de aprendizagem ou de alimentação podem ser sintomas de que essas crianças merecem atenção e

cuidados próximos, sobretudo da escola, que recebem boa parte da interação desse(a) aluno(a) (SOUSA, et. al., 2014).

### 3.3 O SUICÍDIO NA ESCOLA

O desejo de morte no contexto escolar pode variar, mas sofre a influência dos fatores ambientais a qual o sujeito está inserido, o que desenvolvem uma necessidade de atenção para a existência de possíveis fatores de risco cognitivos para uma tentativa ou para uma recorrência do comportamento suicida, sendo assim, dividido em três categorias: ideação suicida (pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar), tentativa de suicídio e suicídio consumado. A ideação suicida é um importante preditor de risco para o suicídio, sendo considerada o primeiro "passo" para sua efetivação (KUCZYNSKI, 2014).

Assim, Kuczynski (2014) apud Shaffer; Piacentini (1994) diz que a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, sendo que com frequência o indivíduo que comete o suicídio manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal com relação à ideia de atentar contra a própria vida: a) desesperança; b) carência em alternativas para resolução de problemas e na flexibilidade para enfrentar determinadas situações; c) estilo disfuncional, internalizando eventos negativos, considerando-o estável e global (associados a quadros depressivos de longa evolução); d) impulsividade.

Os estudos desenvolvidos por alguns autores em diferentes países indicaram que as motivações para o suicídio (ex.: história de suicídio na família, presença de transtornos mentais, exposição à violência, abuso de álcool e drogas, bullying, conflitos na família, etc.) tendem a ser constantes em adolescentes de diferentes culturas (BRAGA; DELL'AGLIO; ANO, 2013).

Em relação ao suicídio de acordo com o gênero na escola, tem-se predominado o sexo feminino como sendo aquele que tem maior número de tentativas, diferente do sexo masculino, porém em grande maioria são os meninos que conseguem cometer o ato. As meninas pensam mais, porém não agem, já por outro lado os meninos tem mais ação e acaba por efetivar o suicídio. Outro ponto que os meninos conseguem uma maior taxa é a exposição à violência, tem maior capacidade de se envolver com o problema, sendo mais afetados entre os dois gêneros (MARTINS; BRITO, 2018).

Quando se fala em suicídio na escola o pensamento que surge é referente como os alunos estão visando suas vidas diante a sociedade, tem uma auto-imagem dos jovens que não se socializam com os demais alunos, se isolando do mundo e com pensamentos desordenados com o anseio de não querer mais viver, com isso, suas expectativas de futuro acabam ficando vagas.

O comportamento suicida em adolescentes tem grande relevância com o passar dos anos principalmente quando em seu nível de escolaridade existe colega presente o comportamento de auto injúria que podem ser fortemente associado ao suicídio (MARTINS; BRITO, 2018).

O suicídio na escola é um assunto que deve ser discutido pelos profissionais, entre eles os professores que podem estar auxiliando os seus alunos por meio de orientações como por exemplo, direcioná-los aos lugares especializados a tratar desse assunto assim como aos profissionais capacitados, em outros casos pode ocorrer apenas a demonstração de conteúdo visando o combate ao suicídio já é o bastante, o adolescente bem informado terá grandes chances de procurar ajuda e não chegar a cometer o suicídio. O professor poderá auxiliar seus alunos para que eles possam se interessar por esse assunto, deixando de ser um assunto-tabu, através de palestras educativas ou até mesmo em alguns casos o aluno pode acessar um psicólogo (MARTINS; BRITO, 2018).

Sendo assim, no que diz respeito ao papel do professor frente à temática deve-se pensar em um trabalho pautado no desenvolvimento da ética, da solidariedade, compreensão e principalmente o respeito à diversidade individual de cada aluno, proporcionando uma consciência antropológica, ecológica e espiritual da condição humana, além disso precisa-se desenvolver um trabalho pedagógico de conteúdos interdisciplinares, contextualizados e globalizados (VALENTIM; SILVEIRA, 2015).

Entendendo a ameaça do suicídio, é importante enfatizar que as pessoas que fazem parte do meio escolar, carecem de habilidades indispensáveis para o manejo das situações que venham a surgir nesse espaço, fornecendo a ajuda e auxiliando na condução da situação com a pessoa que está em sofrimento, assim como também com a família, que muitas vezes é desprovida de orientações e apoio. Buscando estabelecer um diálogo com a família, ofertando a atenção necessária, e a discrição que a situação pede, acompanhando as intervenções reforçando positivamente, acompanhando o tratamento até que a situação mude, são atitudes que bem empregadas podem ter eficácia e ajudar a diminuir as tentativas de suicídio entre adolescentes (MARTINS; BRITO, 2018).

#### 3.4 FORMAÇÃO DO PROFESSOR

De acordo com Baldino e Afonso (2002), a formação de profissionais da educação, no Brasil, até pouco tempo, foi conteúdo restrito às universidades, faculdades de educação, cursos de licenciaturas e entidades científico-culturais de educadores. Com os movimentos sociais estabelecidos nas últimas duas décadas, a força sindical passou a dar ênfase na preocupação

com a formação política e profissional entendendo como permanente. Oferecendo essas formações em diversos locais, como: nas convenções coletivas nos fóruns, nos movimentos políticos-demográficos, nas centrais sindicais, dentre outros, tendo a realização com unidades específicas do processo de educação no Brasil.

Outra preocupação dos sindicatos é de elaborar atuações diretas incluso nos próprios problemas que estão na área da docência, de acordo com as exigências das leis, nos outros meios de estágios para a formação, o que é bastante positivo para o processo de formação dos funcionários da educação, mesmo sendo essa ligado a titulação formal. Em decorrência disso surge diversas variedades e opções de formação de profissionais da educação, estimuladas pelo MEC- Ministério da Educação (BALDINO; AFONSO, 2002).

A prática pedagógica mais limitada às salas de aula e ao ensino se restaura e encontra um apoio para se fortalecer perante a efetivação da profissão nas lutas dos professores, pois a identidade do professor como profissão, passa por uma luta política, onde se concretiza informalmente a formação continua dos docentes. Todavia os professores precisam ser críticos para perceber os aspectos que faz a pedagogia e o sindicato serem tão recíprocos, autônomos e independentes para que não haja enganos como o de sindicatos se tornam instituição de ensino formal de educação (BALDINO; AFONSO 2002).

Expondo uma parte história sobre a formação de professores no Brasil, foi a partir do final do século XIX, que foi proposto a formação de docentes para ensino das primeiras letras em cursos específicos sendo possível a criação de normas. As normas na época diz respeito ao nível secundário que é o ensino fundamental, e em seguida ao ensino médio, que iniciou no século XX. A formação dos professores para os primeiros anos do ensino fundamental e a educação infantil permaneceu, até quando a Lei n.9.394 de 1996, atribuiu a formação dos docentes em nível médio. É a partir do século XX que surge a preocupação com a formação de professores para o nível secundário, que se trata aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio, em cursos específicos (GATTI, 2010).

No final do ano de 1930, diante da formação de bacharéis na minoria das universidades existentes, é acrescentado mais um ano no curso, destinado às disciplinas da área de educação para a obtenção da licenciatura, destinadas a formação de docentes para o ensino secundário. O mesmo modelo se aplica ao curso de Pedagogia, que foi regulamentada em 1939, com o objetivo de formar bacharéis especializados em educação e, adicionalmente docentes para escolas normais do ensino médio (GATTI, 2010).

Segundo Vasconcelos e Miranda (2013), os docentes relatam as dificuldades presentes nos primeiros anos de exercício de sua profissão, quando se ver com a realidade presente no

espaço escolar, pois os mesmos relatam não serem preparados na formação para a realidade presente. Ou seja, não é ensinado aos professores ensinar diante das dificuldades e empecilhos presentes no campo escolar. Com isso, os professores expõem diversas dificuldades na sua atuação no meio, como: não se adequa ao espaço físico oferecido nas escolas públicas, a clientela, o que gera insegurança nos mesmos, não tem domínio do que fazer com os alunos que não estão aprendendo, acabando fazendo o oposto do que o plano pedagógico determina, quebrando normas e regras da instituição.

De acordo com Vasconcelos e Miranda (2013) apud Cortesão (2002), a indisposição dos professores está relacionada com as escolas que exercem suas práticas distantes dos aprendizes e suas realidades, pois é de suma importância que a escola conheça as dificuldades de seus públicos (aprendizes e docentes), e as potencialidades dos mesmos, e estando atenta para as dificuldades existentes entre cada um dos alunos que forma o corpo discente da instituição.

Assim, quanto mais os profissionais da educação tornam-se apáticos a essas diferenças dos alunos, mais dificultado será seu meio de exercer suas metodologias. Conforme o autor a permanência do professor em sala de aula, se dá quando o mesmo apresenta maior flexibilidade, atenção crítica e criatividade docente diante das dificuldades encontradas no campo de atuação, ou seja, quanto mais o professor trabalhar para proporcionar o melhor para os alunos, mais será aceito pela equipe e permanecerá exercendo seu trabalho. Esses aspectos citados anteriormente, são pontos consideráveis que poderiam ser desenvolvidas no seu processo de formação (VASCONCELOS; MIRANDA, 2013).

Conforme Vasconcelos e Miranda (2013), é dado mais ênfase aos assuntos socioculturais no processo de formação dos docentes em 1980 e 1990, o que possibilita ver mudanças na incorporação da formação. Assim se delega importância ao docente como sujeito de suas práticas e de suas questões e de desenvolvimento pessoal, como um requisito primordial para a formação. A formação de professores se renova obtendo novas perspectivas de estudos, quando consideram que o professor é uma pessoa como qualquer outra, que tem histórias de vida pessoal e profissional que se interligam e contribuem no seu trabalho, pois a relação dos mesmos formam a sua identidade profissional. É dado mais ênfase aos assuntos socioculturais no processo de formação dos docentes, o que possibilitar ver mudanças na incorporação.

Como afirma Simão e Rocha apud Tardif (2002), alguns estudos trazem a formação do educador na perspectiva da multidimensionalidade, ou seja, que ocorre num processo de integração e de articulações de conteúdos pedagógicos e conhecimento tácito (sendo esse adquirido por experiências individuais e coletivas do próprio docente).

Em 2002, as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de Professores foram promulgadas pelo Conselho Nacional de Educação e, nos anos subsequentes, as Diretrizes Curriculares para cada curso de licenciatura foram editadas. Mesmo com ajuste parciais em razão do proposto nas novas diretrizes, verifica-se ainda nas licenciaturas a prevalência da histórica ideia de oferecimento de formação com foco na área disciplinar específica, com pequeno espaço para a formação pedagógica, para a atuação profissional que será exigida aos licenciandos ao adentrarem nas escolas e no seu espaço mais específico de trabalho, as salas de aula (GATTI, et al., 2013, p.96).

O Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024) dá-se início às metas, e trata de algumas que fala da prática e da trajetória docente. É exposto a formação docente para a Educação Básica, sendo que as metas referidas são 15 e 16. A meta 15 refere-se a critérios que possibilite a formação dos professores que já estão em andamento e que estão ou foram empregados a partir do PDE. Que são: “a criação de fóruns locais de formação de professores; UAB e EAD; ampliação da oferta de cursos de licenciatura via setor privado fomentados pelo Fies e Prouni” (PIOLLI; SILVA; HELOANI, 2015, p. 598).

Já a meta 16 traz a formação continuada dos professores nas suas áreas de atuação, a mesma tem o propósito de formar a metade dos professores que trabalham na Educação Básica. Ou seja, objetiva oferecer aos professores da educação básica formação continuada, de acordo com as necessidades e realidade de cada sistema de ensino (PIOLLI; SILVA; HELOANI, 2015 apud BRASIL, 2014).

Diante do que já foi exposto sobre a formação dos educadores, outro ponto a ser considerado no contexto de trabalho desses profissionais, são as condições de trabalho e a saúde dos mesmos, onde Piolli (2013), afirma que os casos de estresse e/ou adoecimento, são identificados através de sintomas físicos e emocionais, sendo o físico: dores na coluna, palpitações, problemas na garganta, na pele, vesícula e renais, arritmia, hipertensão. Já os sintomas emocionais são identificados por meio de: ansiedade, irritabilidade, nervosismo, síndrome do pânico, depressão, impaciência, isolamento no trabalho, culpa, angústia, frieza, conflito interno, desmotivação e cansaço. E em muitos casos a preocupação excessiva também é se faz presente.

Segundo Piolli, Silva, Heloani, (2015) apud Silva (2013), há diversos tipos de adoecimento de professores, tendo mais ênfase a depressão e distúrbios afetivos, fazendo-se presente ainda estresse e outras formas patogênicas encobertas com o sofrimento. Os professores mencionavam que condições institucionais originavam e desenvolviam disposições de estresse e adoecimento. Sendo assim há uma gama de dimensões éticas, políticas e afetivas envolvidas nesse acontecimento.



É compreendido que o estresse e o sofrimento dos professores em alguns casos não chegam a adoecer efetivamente ou visivelmente, como um procedimento de exposição de desgaste biopsíquico e socioinstitucional, exigindo reconfigurações nas instituições e das precariedades presentes no trabalho e no social (PIOLLI; SILVA; HELOANI, 2015 apud SILVA,2005).

## **4 MATERIAIS E MÉTODOS**

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica com caráter narrativo de abordagem qualitativa. O tipo de pesquisa bibliográfica tem como objetivo desenvolver, esclarecer e implementar determinados conceitos e ideias, na perspectiva de formular problemas e hipóteses mais relevantes, a fim de propiciar uma visão de forma ampla, se aproximando de uma determinada situação (GIL, 2010).

Quanto á abordagem qualitativa pode-se mencionar que especificamente é o que se aplica na história, nas concepções, crenças e interpretação de realidades diferentes que indivíduos vivem, através desta abordagem pode-se constituir olhares distintos construindo novos métodos, permitindo criar novos conceitos de um fenômeno estudado (MINAYO, 2014).

Já a revisão narrativa é um método que proporciona recompor aspectos vividos pelos sujeitos pelos participantes do estudo. É caracterizada através da construção de conhecimentos a partir das perspectivas e entendimentos no desenvolvimento do projeto. Não propõe verdades absolutas, mas busca encontrar sentido nas múltiplas verdades existentes (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Na produção dessa pesquisa foi realizada uma revisão da literatura nacional sobre o tema proposto, ou seja, o suicídio na rotina da escola: um estudo com professores do ensino médio, para condensar as pesquisas já concluídas visando obter conclusões a partir de um determinado assunto também é uma característica da pesquisa bibliográfica (GIL,2014).

Foram utilizadas base de dados brasileiras como: Scielo (Scientific Electronic Library Online) , Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) , Bireme (Biblioteca Regional de Medicina), e Google Acadêmico. Foram encontrados 25 trabalhos que envolveram teses, dissertações e artigos científicos, logo após foi realizado uma leitura minuciosa dos achados, onde buscou-se destacar as principais informações e verificar se esses contemplavam os objetivos dessa pesquisa. Em seguida foi realizada avaliação descritiva dos dados, procurando organizar com clareza e ampliar o conhecimento sobre o tema pesquisado.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

## 5.1 A CAPACITAÇÃO EM SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR

Com base nos estudos de Estanislau e Bressan (2014) citados na revisão de literatura, pode-se perceber que um dos problemas que os professores enfrentam dentro das escolas públicas, é de fato não saberem identificar os fatores externos que estejam afetando os adolescentes, o qual pode desencadear um possível transtorno mental ou problemas de aprendizagem. É necessário que o Ministério da Educação possa estar em diálogo com os gestores escolares, juntamente com as prefeituras municipais para juntos realizem capacitações para os educadores da rede pública com o intuito de melhorar a percepção dos professores, corroborando para a identificação de comportamento incomum que se manifestam nos educandos.

Em vista disso, o educador tem uma função importante dentro das salas de aula, pois é ele quem pode identificar os possíveis comportamentos incomuns que os adolescentes estão apresentando, já que é o professor que tem um contato diário com eles. Assim, a capacitação de educadores é extremamente relevante dentro do contexto educacional, visto que, pode ajudá-los a compreender e ter conhecimento sobre saúde mental na escola (DORA et.al., 2012).

Para tanto, é possível perceber o quanto é importante o papel do educador em sala de aula, e se faz necessário que aja formações no campo educacional para que os professores possam compreender os sentimentos e emoções, ajudando os alunos a resolver a situação o qual esteja os afetando. Problemas estes que podem ser: pensamentos ou atos suicidas, conflito familiar, bullying, dentre outros. No entanto, a capacitação é uma forma de aprimorar os conhecimentos em educação e saúde mental dentro do contexto escolar, auxiliando na identificação de fatores que podem estar afetando um comportamento multável do adolescente.

No entanto, a interligação entre saúde mental e a educação se torna perspicaz dentro do contexto escolar, visto que ambas têm papéis fundamentais frente a prevenção de possíveis sofrimentos psíquicos que podem acometer jovens em estados de vulnerabilidade. No entanto, as ações estratégicas preventivas devem desenvolver atividades que possam esclarecer e discutir temáticas que despertem o interesse dos adolescentes sobre o tema que for abordado. Desse modo, a prevenção dentro do contexto educacional ajuda identificar os

possíveis transtornos mentais bem como o enfrentamento da problemática que está passando fortalecendo, portanto, a participação de todos os envolvidos, núcleo gestor, professores, a família e a comunidade (FIGUEIREDO et al.,2010).

A educação e saúde mental na escola tem objetivos em comum, o fato de ambas apeterer em bem-estar e a valorização do educando. É importante ressaltar, que saúde mental é algo subjetivo de cada pessoa. Contudo, a prevenção em saúde mental na escola é uma ferramenta essencial e estratégica para detectar fatores externos que sejam desconhecidos pelos próprios educadores. Sabendo que a adolescência é uma fase de conflitos, é interessante que o professor possa estabelecer vínculos com esse adolescente, pois é uma forma dele se sentir seguro e assim, poder relatar o que possa está acontecendo. O vínculo é uma ferramenta que deve ser estabelecida dentro da sala de aula, sendo um meio útil de se chegar ao problema que esteja emergente no educando.

Trevisol e Souza (2015) expõem que, quando a afetividade é vivida no ambiente da sala de aula e a relação entre educador-educando é estabelecida, os vínculos começam a ganhar forma, e se torna bem mais fácil identificar situações que estejam trazendo incomodo para o adolescente. Desse modo, torna-se factível a identificação dos possíveis problemas vividos pelos educandos, e a partir disso, o educador pode realizar um trabalho produtivo elaborando atividades que incite a prevenção para as demandas oriundas de uma forma clara e interdisciplinar.

O estabelecimento de vínculos para o processo de desenvolvimento do adolescente, é importante para que ele possa sentir que não está sozinho para o enfrentamento da situação problema na qual esteja passando. Para tanto, é essencial que a família também esteja vinculada a escola e que sejam participativos na vida dos filhos. Esse comportamento faz com os filhos percebam que a sua família também está ali para ouvi-los, e acolhe-los junto com a escola.

## 5.2 O PAPEL DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Oliveira e Marinho-Araújo (2010) afirmam que a família são as primeiras pessoas do convívio dos filhos, e são os agentes educadores responsáveis pela primeira educação bem como a criação de laços afetivos. Para tanto, a família tem um papel fundamental dentro da escola, ser participativo nas atividades que a escola oferece, e junto com o meio escolar elaborar estratégias que melhorem a aprendizagem, a comunicação e o desenvolvimento do filho. Em contrapartida, a família é percebida muitas vezes pelos educadores como pessoas imparciais, e que sentem dificuldades de trabalhar em conjunto com os pais, devido a limitação de participação deles na escola.

Ficou evidente que a restrição da família com relação ao contexto escolar enreda no processo pedagógico bem como no processo de desenvolvimento do filho. É essencial que os pais compreendam o quanto o papel no meio escolar é de extrema importância, pois são eles que devem ser os principais interessados ao que compete a estabilidade emocional e de aprendizagem dos filhos. Desse modo, os pais além de ser um dos protagonistas responsáveis pela educação dos filhos, eles podem ser um dos principais autores a identificar um possível transtorno mental ou a perceberem quando o adolescente tiver apresentando um comportamento “estranho”.

Outro ponto relevante é, quando o adolescente apresenta um comportamento harmonioso com seus familiares, que se inteira socialmente, tornar-se mais fácil de identificar os fatores externos que possam influenciá-lo a ter um comportamento suicida. O que pode ajudar a prevenir a realização do ato. Entretanto, o diálogo no seio familiar é uma forma estratégica do adolescente não ter pensamentos negativos, a socialização o permite adquirir conhecimento sobre a temática, maneiras de lidar com os problemas que o atormenta, bem como os diversos modos de enfrentamento que o impossibilite de acabar com a dor tirando a sua própria vida (MOREIRA; BASTOS, 2015).

Quando a família tem um vínculo fortalecido com os filhos, é possível identificar com clareza um comportamento que visualmente é notado como estranho”. Comportamentos estes como: tristeza, choro, perda de interesse pelas coisas que gosta, dentre outros. Os pais que são próximos de seus filhos, têm um olhar mais aguçado em saber que o filho requer uma atenção devida e um cuidado maior. Essa análise ajuda tanto a família como o adolescente a enxergar o problema com clareza bem como enfrenta-lo de uma forma que os encoraje-os e vejam possibilidades de solucioná-los.

### 5.3 ESTRATÉGIAS E DESAFIOS AO ENFRENTAMENTO DO SUÍCIDIO NA ESCOLA

O sofrimento psíquico pode tendenciar uma pessoa a ter um comportamento suicida, fazendo com ela perceba que não há outra solução a não ser a morte. Esse sofrimento pode ser identificado de três formas, através da desesperança, desamparo e desespero. No entanto, o sujeito que tem uma personalidade impulsiva apresenta uma escassa inflexibilidade sobre o seu modo de enfrentamento sobre si, o outro e o mundo, apresentando uma maior tendência para o suicídio. Devido a sua rigidez, existe um bloqueio o qual impede de pensar em outras possibilidades ou saídas para o que está paAs diligências prévias da autodestruição são um dos

motivos que devem ser levados em consideração, pois HÁ um risco, já que na maioria das tentativas, são utilizadas ferramentas mais letais com imensa gravidade (FERREIRA, 2014).

É notório que a intensidade do sofrimento pode causar danos insuprível ao adolescente, caso ele insiste em guardar para si. Incentivar e dar abertura aos alunos para falar dos seus sentimentos é um meio de minimizar esse pesar que tanto a tormenta. É interessante um psicólogo educacional dentro das escolas para trabalhar com todos os autores envolvidos, educadores, educandos, núcleo gestor e a família. A sua função principal é auxiliar na melhoria da qualidade das atividades educacionais, com foco nos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Atenta-se também ao funcionamento educativo de um modo geral, bem como trabalhar na elaboração de estratégias auxiliando os professores para identificação dos casos que remetem dificuldade de aprendizagem, déficit de atenção, hiperatividade e problemas comportamentais, emocionais e de motivação.

Entretanto, ao realizar uma entrevista com uma pessoa com tendência suicida é necessário que o profissional estabeleça um lugar propício que a traga conforto, fazendo perguntas de uma forma que possibilite uma maior abertura para o sujeito falar abertamente como se sente. É importante propiciar um espaço seguro, na qual o mesmo possa se sentir acolhido frente o problema que está passando. Entretanto, há três fases norteadoras que podem direcionar o diálogo: 1) A exploração do que levou a pessoa ter esse comportamento; 2) compreendê-lo e acolhê-lo independente dos seus motivos; 3) encaminhá-lo e acompanhá-lo no percurso desse detrimento. Dessa forma, é importante que o profissional possa dar toda atenção devida, sem julgar, independente do que o motivou a ter tal atitude, e logo após, trabalhar a prevenção desse comportamento suicida, apresentando possibilidades que o faça perceber que há outras soluções de enfrentar um problema sem acarretar danos a si mesmo (FUKUMITSU, 2014).

Constata-se que o profissional deve ter conhecimentos sobre o suicídio antes de fazer uma abordagem com qualquer aluno que esteja apresentando sinais de tentativas de suicídio. Entretanto, é importante que o educador ao relatar o diálogo com o núcleo gestor e com a família, tenha todo um preparo de como passar a informação, pois talvez ambas supracitados não estejam preparados para lidar com essa questão.

Visto que a investigação com pessoas com tendência ao suicídio deve ser cautelosa, e é uma problematização de saúde pública, é necessário ressaltar que um dos desafios que as políticas públicas enfrentam ao combate do suicídio é a

prevenção do estigma sobre essa temática, muitas vezes as pessoas têm um certo preconceito em discutir sobre o tema, e é por isso se torna incomunicável trabalhar a resolução de problemas para os fins devido. Por esse motivo, as pessoas impossibilitam-se de procurar ajuda, ficando cada vez mais vulnerável ao ponto de tirar sua própria vida. O medo de não ser compreendido, ou até mesmo de ser julgado, é também uma razão para que este indivíduo possa falar abertamente com o profissional de sua confiança (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2012).

O medo e o estigma são um dos fatores que podem contribuir para que uma pessoa evite procurar ajudar. No caso do adolescente é muito importante que o educador tenha vínculos afetivos com ele, porque facilita na mediação de tentar compreender os conflitos dessa pessoa. Se não houver uma relação de afetividade entre professor-aluno, provavelmente o educando não falará abertamente sobre o que passa, visto que, sua saúde mental possa se agravar cada vez mais. Por isso é essencial que aja diálogo dentro das salas de aula, e que tenham atividades que proporcionem uma interação maior entre educador-educando.

#### 5.4 A FUNÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR

O psicólogo educacional dentro das escolas desempenha um papel importante tendo como objetivo trabalhar as habilidades dos alunos, potencializando-as para o desenvolvimento pessoal e o enfrentamento dos problemas diários. Todavia, é importante estabelecer o fortalecimento de vínculos entre professores, alunos, família e comunidade.

Sendo responsável em elaborar estratégias que melhorem o desempenho educacional, fazendo com que o educando tenha bons resultados no ensino-aprendizado. Desse modo, a psicologia educacional, embora que seja um campo desafiador no Brasil, e ainda desconhecida, é uma área que está conquistando o seu espaço durante o seu percurso (DAZZANI, 2010).

Dentre os pontos trabalhado pelo profissional da Psicologia Educacional no contexto escolar são: o desenvolvimento humano, as habilidades mentais, as capacidades cognitivas (de aprendizagem), os papéis sociais atribuídos a cada grupo ou indivíduo, as condutas morais e afetivas, as crenças sobre a própria utilidade e aplicação dos conteúdos aprendidos. Este trabalho também envolve a criação de relações positivas entre estudantes e professores, bem

como entre os próprios alunos, a promoção de um comportamento adequado perante as tarefas apresentadas, o apoio aos alunos que demonstram distúrbios psicossociais persistentes, auxilia na elaboração de métodos de ensino, planos de estudo e projetos pedagógicos e adjutória professores em sua abordagem em sala de aula.

Em contrapartida, a área de atuação da psicologia educacional define, portanto, como um ramo da psicologia cuja seu principal objetivo é criar estratégias dentro do contexto escolar que facilitem a comunicação entre alunos, núcleo gestor, professores, família e comunidade, bem como os fatores externos que podem contribuir favoravelmente ou negativamente no desempenho do educando. A psicologia da educação adquire um arranjo de epistemológico, tornando-se uma disciplina que se volta mais para a especificidade, trazendo, portanto, alguns objetivos, alguns conteúdos e alguns programas de investigação que lhes são próprios (GATTI, 2010).

Conforme descrito ao longo da pesquisa, o ambiente escolar caracteriza-se como um ambiente de muita pressão, exigência de pais e dos próprios alunos, onde muitos são adolescentes que por se si já vivenciam uma fase delicada e conflituosa de seu desenvolvimento, ou seja, mudanças físicas, psicológicas e sociais, fases essa caracterizada como uma das mais propensas ao desenvolvimento de transtornos mentais. Reforça então, conforme pesquisas citadas, que a importância desse profissional da psicologia é de extrema importância e necessário dentro do contexto escolar, promovendo uma discussão mais estreita sobre, suicídio e demandas relacionadas a saúde mental, fortalecendo o ambiente escolar não só como promotor de conhecimentos específicos, mas também de informações e suporte sobre questões importantes e presentes dentro do contexto escolar. A pesquisa torna-se relevante em atentar para essa problemática muitas vezes ainda estigmatizada sobre suicídio no meio escolar e sobre a importância dos meios de ajuda para o enfrentamento da questão, e

De acordo com os estudos analisados, foram discutidos 12 artigos, sendo na sua grande maioria investigações de base bibliográficas totalizando 9 pesquisas, e três de campo. Entretanto, foi possível perceber o quanto a educação nas redes públicas precisa ser melhorada, visto que, os educadores têm muitas dificuldades em trabalhar sobre saúde mental na escola, principalmente uma temática tão delicada como o suicídio. Por isso a importância do psicólogo educacional no ambiente escolar para orientar alunos, professores e a família frente essa questão, como outras demandas advindas. É necessário que haja mais estudos sobre essa temática, considerando toda essa fragilidade que há dentro do contexto escola.



## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos estudos realizados na literatura, buscou-se compreender a existência ou não da relação entre a formação dos professores com a saúde mental, e não foi encontrado pesquisas que embasem o estudo. Desse modo, há poucas informações ao que compete a interligação da saúde mental no contexto escolar, visto que, é um assunto de extrema

relevância para ser discutido, pois ao que parece, há grandes fragilidades no campo educacional que precisa ser melhorado.

Todavia, é importante investigar se há casos de pessoas que cometerem suicídio no contexto familiar, levando em deferência se a cena foi presenciada, ou apenas contada e de que forma, porque todos esses fatores podem influenciar no comportamento do adolescente que esteja passando por um momento árduo. Essa perquisição ajuda a evitar um possível transtorno mental que pode ter desencadeado durante o percurso de vida do adolescente.

O suicídio não é um tema fácil, principalmente para se discutir com adolescentes, requer todo um cuidado, e uma forma linguística de falar para que eles possam compreender melhor esse assunto. Para trabalhar a prevenção ao suicídio é essencial conhecer o índice de pessoas que tem tendência ao suicídio como também a totalização de suicídios que acontecem por ano. Quando o professor identifica que o educando pode está apresentando comportamentos que expressem traços de uma pessoa suicida, a abordagem deve ser feita com cautela.

Portanto, o papel do psicólogo dentro do ambiente escolar pode então se caracterizar como agente de mudanças neste contexto, buscando sempre promover a reflexão como também a conscientização dos diversos grupos que compõem a escola, pois sabemos que o contexto escolar não se restringe somente ao público de alunos e as demandas de caráter educativo, mas os demais profissionais e responsáveis deste ambiente que também possuem seu protagonismo no processo de aprendizagem e constituição da identidade do meio escolar, como também as demandas de saúde mental que surgem nesse ambiente que dizem respeito a outros contextos mas implicam diretamente na vida acadêmica do aluno e pode ser ou não ser reforçada dentro desse meio, dependendo do suporte e ajuda que o mesmo terá, não sendo então visto somente como parte de um sistema que visa o aprendizado e a reprodução de conhecimento mas também a saúde o bem estar dentro do ambiente de ensino como fora também, se tornando portanto a escola lugar possível de promover saúde a partir de novos olhares que se façam além da lógica educacional mas que perpassam pela condição humana, vendo seus estudantes como protagonistas não só de seus processos de aprendizagem mais também de suas vidas. Proporcionando assim um melhor funcionamento do processo educacional, dentro da realidade da instituição, diagnosticando situações e ajudando no desenvolvimento de planejamentos e ações que irão beneficiar esse cenário por um todo.

## REFERENCIAS

ALENCAR.M.R; LIMA.A.F. **A violação ao princípio da dignidade da pessoa humana em instituições manicomiais: uma análise à luz do direito.** vol. 2, nº 3, p. 01 - 217, nov. 2013/jun.2014.

ALMEIDA, S. F. C. O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental. **Estilos clin.** vol.3 no.4 São Paulo 1998.

BALDINO.J.M; AFONSO.L.H.R. Formação de profissionais da educação: a intervenção dos sindicatos. in **Profissão professor: identidade e profissionalização docente/ Brzezinski.I** Brasília: Plano Editora,2002.196p.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria- Executiva. **Secretaria de atenção á saúde. Legislação em saúde mental:1990-2004/ Ministério da saúde** , secretaria-executiva, secretaria de atenção a saúde.5.ed.amp.Brasilia: ministério da saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 466 DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012**. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Publicada no DOU nº 12, 13 de jun de 2013a – Seção 1 – Pág. 59. Disponível em: <conselho.saude.gov.br/resoluções/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 30 de març. 2018.

BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic** [online]. 2013, vol.6, n.1, pp. 2-14. ISSN 1983-3482. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>.

BRZEZINSKI.I. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002, 196p.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. (2011) **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Trad: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. – Uberlândia: EDUFU. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/viewFile/2516/2382>. Acessado em 08 de novembro de 2018.

DAZZANI, M. V. M. **A Psicologia Escolar e a Educação Inclusiva: Uma Leitura Crítica**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2010, 30 (2), 362-375.

DEVERA.D; COSTA-ROSA.A. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira: Transformações na legislação, na ideologia e na práxis. **Revista de Psicologia da UNESP**, 6(1), 2007.

DORA, B. O. **Formação continuada de professores para promoção da saúde e prevenção de doenças crônicas na escola**. Biomotriz - v. 6, n. 2 (2012).

ESTANISLAU, G. M., & BRESSAN, R. A. (Orgs.). **Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber**. São Paulo: Artmed. 2014.

FERREIRA, C.L.B. **Trajetória do Acompanhamento em Saúde Mental dos Pacientes após o Atendimento na Unidade de Emergência por Tentativa de Suicídio**. Florianópolis, 2014.

FIGUEIREDO, T. A. M. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(2):397-402, 2010.

FUKUMITSU, K. O. **O psicoterapeuta diante do comportamento suicida**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, volume 25, número 3, 270-275. 2014.

FIGUEIREDO, R. COSTA, E. SABOYA, Y. **Suicídio [como problema de saúde pública]**, Canal Saúde Fiocruz. 2017. Disponível em: <<http://www.canal.fiocruz.br/video/index.php?v=Suicidio-EMF-0202>>.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1355–1379, out./dez. 2010.

GATTI, B. A. **Psicologia da educação: conceitos, sentidos e contribuições**. Psicol. educ. no.31 São Paulo ago. 2010.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2016**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230380&search=||infográficos:-informações-completas>>. Acesso em 29 de março. 2018.

JACOWSKI, A.P.; LAUREANO, M.R.; ESTANISLAU, G.M.; MOURA, L.M. **Desenvolvimento Normal no Período Escolar**. in, Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber/ Gustavo M. Estanislau, Rodrigo Affonseca Bressan (Organizadores). Porto Alegre: Artmed, 2014..

KUCZYNSKI, E. **Suicídio na infância e adolescência**. **Psicologia USP**, vol.25, p. 246-252 SÃO PAULO, 2014

MARTINS, F. R. S.; BRITO, M. A. Educação e Saúde Mental: Caminhos para a prevenção do suicídio. **DIÁLOGOS E CONTRAPONTO: ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**, v. 1, n. 2, 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**, 7. ed, São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, ed. 13. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, L. C. O; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 19, Número 3, Setembro/Dezembro de 2015. 445-453.

OLIVEIRA, D. R.; GUIMARÃES, C. M. Limites e possibilidades das ações de formação continuada para o ensino fundamental de nove anos. **Revista educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 143-158, jan./abr. 2014.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. *Estud. psicol. (Campinas)* vol.27 no.1 Campinas Jan./Mar. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preventing Suicide – A global Imperative**. Geneva: WHO; 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Public Health Action for the Prevention of Suicide** – A Framework. Geneva: WHO; 2012.

PIOLLI, E. **Política educacional e gerencialismo: os programas e projetos da SEE-SP para a qualidade e suas implicações nas escolas, no trabalho e na saúde dos profissionais do magistério.** *Suplemento Pedagógico APASE*, jul. 2013.

PIRELLA.A. **A Negação do Hospital Psiquiátrico Tradicional. In, A Instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico/** coordenado por Franco Basaglia; tradução de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Edição geral, 1985 (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências; v. n. 17)

RESSEL, L.B; Beck, C.L.C; Gualda, D.M.R; Hoffmann ,I.C; Silva ,R.M; Sehnem, G.D. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.

SIMÃO.M.B; ROCHA.E.A.C. Docência na educação infantil:uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação**, v.23,2018

SOUSA.J.P.M; OSÓRIO.F.L; SCHNEIDER.B.Z; CRIPPA.J.A.S. **Transtornos de ansiedade (transtorno de ansiedade generalizada, ansiedade de separação e fobia social).** in, Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber/ Gustavo M. Estanislau, Rodrigo Affonseca Bressan ( Organizadores). Porto Alegre: Artmed, 2014.

TREVISOL, M. T. C.; SOUZA, E. D. V. **A relação entre professor e aluno e a importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem.** *Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba*, v. 6, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 2015.

VALENTIM, M. C.; SILVEIRA, V. L. Variações linguísticas e a formação de docentes das séries iniciais do ensino fundamental. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v. 6, n. 2, p. 214-225, 2015.

VASCONCELOS.R.N; MIRANDA.M.P. **A formação de professores no Brasil e a contribuição da psicanálise**, Ano 16 - n. 21,p.41-67, julho 2013.